

OMBUDSMAN

 folha.com/ombudsman
 ombudsman@grupofolha.com.br

O ombudsman tem mandato de um ano, com possibilidade de renovação, para criticar o jornal, ouvir os leitores e comentar, aos domingos, o noticiário da mídia. Tel.: 0800-018-9000; fax: (11) 3224-3895



Covell

O golpe, versão do diretor

Imprensa deveria ser literal sobre o delicado momento institucional do país

José Henrique Mariane

O mundo não vai acabar em três anos, assegurou a *Folha* na última semana, diante de postagem em rede social fora de contexto, como tantas, que viralizou por sugerir um prazo exíguo para o juízo final. As razões do jornal para o esforço de esclarecimento, ainda que sob certo risco de ridicularização, são nobres e explicitadas em nota ao fim desta coluna. Por enquanto, para a análise a seguir, é suficiente constatar que o noticiário destes tempos se obriga a ser tão literal quanto o possi-

vel, pois a audiência em geral não consegue mais raciocinar. Ou não quer. Foi preciso explicar que havia um golpe em gestação no ano eleitoral de 2022. Que o então presidente Jair Bolsonaro e aliados dissimulavam um escuro fetiche de fraude nas urnas eletrônicas e conspiração para tirá-lo do poder. Na verdade, subia-se antes e reverter-se agora, quem conspirava era o próprio, com a ajuda de ministros civis e militares, assessores, pulverizados e portu- gueses ruins. A três meses do pri-

meiro turno, um dos generais brada que a hora de dar soco na mesa ou virá a era antes do pleito. Assim aparece no vídeo do reunião, aquele que não estava sendo gravado, garantida Bolsonaro aos presentes. Um mês depois, parte da elite brasileira, esta *Folha* incluiu, ainda que não tenha se lançado nominalmente em campanha, mas pela extensa cobertura, manifestou grande preocupação com o cheiro de quemado que exalava de Brasília. No Largo São Francisco, a sociedade civil desenhava para

Bolsonaro e para sua clique golpista que a Constituição tem mais do que quatro linhas. O período eleitoral foi conturbado, e o espectro golpista se materializou no 8 de Janeiro. As instituições funcionaram, mas a que custo, insinuam as últimas revelações, ainda é uma história a apurar. A cobertura da imprensa é intensa. Pela primeira vez, um repórter do *Jornal Nacional* repetiu o "cujo" usado por outro general para se referir a um terceiro em rede nacional. Os editoriais dos grandes jornais

abdicam do vernáculo belonista e, em comum, acendem alertas para a atuação heterodoxa de Alexandre de Moraes. O Estado de S. Paulo lembra a traumática experiência da Lava Jato. A *Folha*, que levou dois dias para opinar sobre o tema, escreveu que a acusação cabe à Procuradoria. O Globo disse tudo isso também, mas deu título e peso ao que primeiro interessa: em uma democracia, a acusação mais grave é a de golpe de Estado. Se é preciso ser literal, então é isso.

Ninguém duvida do caráter disfuncional do país. O inquérito que nunca acabou na mão do ministro do STF é um grande complicador, assim como a constatação de que, entre golpistas e legalistas, não deveria haver tropa tolerante. Ocorre que tudo isso deriva de um caldo de golpe de Estado, mas de uma vez mais evidente movimento de subversão, algo absolutamente inédito para as gerações que não viveram ou não se lembram de 1964 ou do período da ditadura. Não é correto acordar com a notícia de militares sendo presos ou manchados sobre golpe, traumas e conspirações. O momento é delicado, e os jornais, que tanto se preocupam em ser literais para um público malhado por notícias falsas, não deveriam se conter na descrição do que está acontecendo.

É um equívoco limitar o debate a qualquer dos aspectos do problema e entender a imprensa como uma disputa partidária. É um erro minimizar os atos de Bolsonaro pelo aparente impasse. Escapamos por pouco de uma turma de malucos, de

veríamos estar discutindo como desestimar os próximos.

It's the end of the world

"Mundo não vai acabar em 3 anos, ao contrário do que diz post com fala de dray queen fora de contexto". Sim, a *Folha* publicou esse título na semana passada. Uma influenciadora discutia a crise climática em vídeo e, em determinado ponto, disse que o mundo fracoaria se o curso da história não fosse alterado. A fala cortada viralizou a ponto deste jornal achar necessário explicar que o planeta ainda tem muito tempo para queimar.

Em crítica interna, o ombudsman observou que o enunciado, um dos mais sensacionais na história contrária da *Folha*, ganharia algum senso crítico com o toque de humor, algo como "Não, o mundo não vai acabar em 3 anos...".

Luísa Alcantara e Silva, jornalista que representa a *Folha* na Companhia, consistiu de veículos de imprensa que combatem fake news, não recomenda a estratégia. "Temas que se liam ao contrariar uma notícia falsa para afastar a chance de reforço-la. Quem acreditava na postagem pode entender o humor como menos-prezo", afirma. "Pode soar insuflado, mas há crenças de todo tipo. Terra plana. Lula votou em Bolsonaro. Que o mundo vai acabar é só mais uma". O jornalismo fica cada vez mais travado. Condena as injúrias da Luísa, então: armaram, tentaram e vão tentar de novo o golpe se não formos literais em sua condenação.

Investigação joga luz sobre fala de Bolsonaro

Discurso dúbio após eleição foi feito no mesmo dia em que então presidente teria 'resumido' minuta do golpe

Angela Pinho

SÃO PAULO A revelação de articulações golpistas no coração do governo Jair Bolsonaro (PL) jogou luz sobre o que estava por trás de um discurso dúbio que o então presidente fez no fim do mandato na área externa do Palácio da Alvorada. As mensagens obtidas pela Polícia Federal na Operação Tempus Veritatis reforçam a leitura de que Bolsonaro incitou seus apoiadores na ocasião a pressionar as Forças Armadas para que impedissem a posse do candidato vitorioso na eleição presidencial. Luiz Inácio Lula da Silva (PT), segundo a decisão do ministro Alexandre de Moraes, do STF (Supremo Tribunal Federal), que autorizou as prisões e buscas, o ex-presidente Bolsonaro teve acesso e pediu modificações na chamada "minuta do golpe", mantendo a previsão de prisão de Moraes e a realização de novas eleições.

Essas alterações, segundo mensagens que constam da decisão e que foi enviada por Mauro Cid, então ajudante de ordens de Bolsonaro, foram feitas na manhã do dia 9 de dezembro de 2022.

Na mesma data, o presidente recebeu o general Estevam Trophilo, que teria lhe prometido colocar tropas na rua para garantir o golpe. Entre o engastamento da minuta e a reunião com o militar, houve o jogo em que o Brasil foi eliminado da Copa do Mundo do Qatar por uma decisão. Após a partida, Bolsonaro se dirigiu à área externa e falou por cerca de 15 minutos a apoiadores.

Foi seu pronunciamento público mais longo até então, de cerca de dez minutos, em que, brando um silêncio de 45 segundos, fez declarações e repetiu declarações já conhecidas

e deixou vagos ou ambíguos outros pontos. O presidente iniciou sua fala pedindo compreensão, no momento em que manifestantes acampados em frente a quartéis militares já demonstravam impaciência e frustração com a ausência de medidas para a reversão do resultado eleitoral.

"Muitas vezes vocês têm informações que não procedem e, pelo contrário, pela angústia, pelo momento, passam a criticar", disse o presidente. O que estava acontecendo, e se envolvia com mais detalhes após a operação, era uma dificuldade de convencer os comandantes do Exército e da Aeronáutica a embarcar na ideia de um golpe.

Segundo a PF, dois dias antes, em 7 de dezembro, Bolsonaro havia discutido com chefes militares a minuta do golpe. Ainda de acordo com a investigação, o então comandante da Marinha, almirante Almir Garnier, colocou suas tropas à disposição de Bolsonaro, no que não foi seguido pelos demais — em um contexto de resistência internacional a uma ruptura institucional.

Mensagem de novembro enviada pelo general Walter Braga Netto, ex-ministro da Defesa e postulante a vice de Bolsonaro em 2022, mostra até que ponto haviam chegado as tensões diante da divisão entre os comandantes das Forças.

De acordo com o então comandante do Exército, Marco Antônio Freire Gomes, de "cárgio" e o então comandante da Aeronáutica, Carlos de Almeida Baptista Junior, de "traidor da pátria".

Esse contexto ajuda a entender outras frases de Bolsonaro: "seus apoiadores naquele dia declararam a confederação".

Veja cronologia de plano golpista

1 JUL 22

Entrar em campo Bolsonaro convocou reunião de ministros, atacou eleição e disse que iria "entrar em campo" com exército

30 OUT 22

Eleição Bolsonaro e derrotado por Lula no segundo turno da eleição presidencial

11 NOV 22

Alvos definidos Major Rafael Martins pede orientações a Mauro Cid, ajudante de ordens de Bolsonaro, sobre realização de protestos. Cid afirma que alvos seriam o Congresso e o STF

12 NOV 22

Forças especiais Militares das Forças Especiais fazem reunião em Brasília para tratar de plano golpista. Mauro Cid participa do encontro

18 NOV 22

Minuta do golpe Filipe Martins, assessor de Bolsonaro, e Amauri Feres, advogado, participam de reunião no Palácio da Alvorada para discutir a minuta do decreto que reverteria o resultado da eleição e prenderia autoridades

22 NOV 22

Ação de Valdemar Costa Neto PL, partido presidido por Valdemar Costa Neto, apresenta pedido para contestar resultado do segundo turno

28 NOV 22

Nova reunião Nova reunião de militares das Forças Especiais para discutir tentativa de golpe; participaram assistentes de generais que ocupavam postos de alto escalão

7 DEZ 22

Entrar no Palácio da Alvorada Reunião no Palácio da Alvorada entre Bolsonaro, comandantes militares, Filipe Martins e Amauri Feres para discutir a minuta do golpe

9 DEZ 22

Discurso dúbio Bolsonaro resume minuta do golpe, de acordo com mensagem de Mauro Cid, e faz discurso a apoiadores. General Estevam Trophilo, ex-chefe do Comando de Operações Terrestres, se encontra com Bolsonaro; segundo Cid, ele teria aderido ao plano

14 DEZ 22

Reação de Braga Netto Contrariado com resistência ao golpe, Braga Netto se refere ao comandante do Exército como "cárgio"

15 DEZ 22

Rota de Moraes Marcelo Câmara, assessor de Bolsonaro, discute com Mauro Cid itinerário de viagem de Alexandre de Moraes, alvo de prisão no decreto planejado pelos golpistas

18 DEZ 22

Prisão planejada de Moraes Data em que Alexandre de Moraes seria preso, de acordo com plano abdoído pelo PF

"As Forças Armadas devem, assim como eu, lealdade ao nosso povo, respeito à Constituição, e não um dos grandes responsáveis pela nossa liberdade", disse.

"As decisões, quando são excecionalmente nossas, são menos difíceis e menos dolorosas, mas quando elas passam por outros setores da sociedade, elas são mais difíceis e devem ser trabalhadas. Se algo de errado, é porque eu perdi a minha liderança. Eu me responsabilizo pelos meus erros, mas peço a vocês não criticarem sem ter certeza absoluta do que está acontecendo".

A pesar das dificuldades, naquele dia, segundo a decisão de Moraes, Bolsonaro parecia ainda não ter jogado a toalha em relação a uma intervenção militar. "Hoje estamos vivendo um momento crucial", disse a apoiadores.

"Quem decide para onde vai as Forças Armadas são vocês. Quem decide para onde vai a Câmara, o Senado, são vocês também. Se temos críticas, erros, não tivemos o devido cuidado para escolher a pessoa certa, mas as coisas vão mudando".

Por volta do mesmo horário em que o presidente falava diante do Alvorada, seu ajudante de ordens mandava áudio com informações relevantes para o então comandante Freire Gomes.

De acordo com os registros que constam da decisão de Moraes, a mensagem foi enviada às 15h35, menos uma hora depois de a seleção perder o jogo para a Croácia nas eliminatórias.

Nela, Cid diz a Freire Gomes que "o presidente tem recebido muitas pressões para tomar uma medida mais, mais pesada onde ele vai, obviamente, utilizando as Forças".

"É hoje o que ele faz hoje

de manhã?", continua Cid. Ele enxugou o decreto? Aqueles consideramos que o senhor viu e enxugou o decreto, fez um decreto muito mais, é resumido, né?"

Segundo a Polícia Federal, a investigação revelou que, inicialmente, a minuta de decreto determinava a realização de novas eleições e a prisão de Moraes, do também ministro do STF Gilmar Mendes e do presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG).

Posteriormente, diz a PF, foram feitas alterações no texto de Moraes, conforme a minuta de Bolsonaro, mantendo-se apenas a previsão de novas eleições e a prisão de Moraes.

A transcrição do áudio de Cid a Freire Gomes mostra ainda que o então ajudante de ordens afirma que Bolsonaro receberia naquele dia o general Trophilo, tido como um dos mais próximos do bolsonarismo radical.

Segundo Cid, o presidente iria "desabafar" e "desopilar", em meio à tensão por estar "preso" no Alvorada.

Fez mais que isso, segundo a decisão de Moraes. Naquele mesmo dia 9, segundo a PF, diálogos encontrados no celular de Cid mostram que o general concordou com a adesão ao golpe de Estado, desde que o presidente assinasse a medida.

Por volta de 14h, a reunião ainda estava acontecendo, segundo mensagem do ajudante de ordens a outro interlocutor.

Trophilo foi alvo de buscas na operação realizada pela PF na época. Refletido por ele, preparou um plano operacional para cumprir eventuais ordens que Bolsonaro determinasse no decreto golpista.